

**Autobiografía de
Rita Amada de Jesus**

INTRODUÇÃO ¹

O manuscrito autobiográfico, de natureza confidencial, foi escrito à mão, em Tourais, por Rita Amada de Jesus, em caderno de papel pautado, com folhas costuradas, no formato 20X15cm. Foi todo ele escrito por Rita Lopes de Almeida, à excepção da numeração das páginas, inserida pelo Padre Lapa. O caderno tem 125 páginas, e foi concluído a 2 de dezembro de 1894. Em todas as páginas há uma margem de 3 cm e a autora escreve sempre na 5.ª linha de cada uma das páginas. Na 1.ª página lê-se: V.(iva) JMJ. Uma pequena cruz acima o J. Ao longo do texto há pequeninas notas explicativas, escritas com a letra do Padre Lapa, como se confirma pelos seus escritos. Antes de tomar conta da direção do Instituto, o Padre Lapa pediu a Rita Amada de Jesus que o informasse, em traços largos mas concretos, das motivações da sua vida, desde criança e jovem até à fundação do Instituto Jesus Maria José. Este alerta-o para as tensões sofridas antes da fundação e para as crises internas que, sem a mão providencial de Deus, teriam arrasado a sua obra educativa e evangelizadora.

A Autobiografia é, por vezes, identificada com a história da sua obra. De fato, a vida de Rita Amada de Jesus forma, toda ela, um só coração com a história do Instituto Jesus Maria José. Toda a vida de Madre Rita Amada de Jesus está cimentada no querer divino, de tal modo que ela e a sua obra vivem numa única pulsação: a docilidade à vontade divina. Antes de mais, sublinhar o valor histórico: importa conservar o documento tal qual foi redigido pela Fundadora, com simplicidade, clareza e realismo, mesmo que alguns aspectos possam, hoje, ferir a nossa sensibilidade.

Na verdade, quando a Autobiografia é lida sem interrupção e «tal qual» foi escrita (digamos, sem outras anotações), alguns números – p. ex: 2, 62 e outros, entre 87-100 – que se referem a intervenções diabólicas na comunidade, como se ele aí estivesse hospedado, podem chocar o leitor desprevenido, sendo tentado a pôr de lado tal escrito. Porém, encontramos também este tipo de descrições na biografia de São João Maria Vianney que, tentado durante a noite, era impedido de descansar. Um documento autobiográfico original deve ser lido no contexto em que foi escrito – no seu século – e de acordo com o seu género literário: a vida mística dos santos, que pode trazer algum inconveniente a quem não está habituado a este tipo de leituras.

Há apenas uma omissão no texto, no número 28, em que aparece em branco o nome do bispo de Viseu que, por pertencer à Câmara dos Pares, em Lisboa, raramente se encontrava na sede episcopal. Chamava-se Dom António Alves Martins e, historicamente, foi um bispo muito amigo dos pobres. De resto, o manuscrito não tem omissões, salvo aquelas que a exímia prudência de Madre Rita Amada de Jesus declara no próprio texto.

¹ Adaptada da Introdução elaborada pelo Padre Florentino Mendes Pereira, CMF à edição de 2010.

AUTOBIOGRAFIA DE RITA AMADA DE JESUS ²

V.J.M.J.

DISCRETA DECLARAÇÃO INICIAL

1. Só escrevo isto pelo amor de Jesus Nosso Senhor, porque tenho muita vergonha de escrever estas cousas.³

ACONTECIMENTOS ESTRANHOS APÓS O NASCIMENTO – O BATISMO

2. Minha mãe, Josefa de Jesus d'Almeida, dizia que, cinco dias depois de eu nascer, uma noite me tinha com ela na cama; que viera uma coisa que lhe apagou a luz e principiou a mexer-lhe na roupa e a puxar por mim, de modo que ela puxava para um lado e aquilo para outro. Principiou então a chamar que lhe acudissem, porque o demónio me queria levar. Veio logo a minha tia; e, quando chegou, desapareceu aquilo. E diziam elas que se levantara uma tempestade tão grande, que parecia que todas as telhas da casa se levantavam. Fiquei tão doente que tiveram de me batizar logo pela manhã.⁴

BRINCADEIRAS INFANTIS. CONTRARIADA FORA DA CASA PATERNA

3. Quando eu era pequena, havia três coisas de que eu muito gostava, e eram: de fazer casas, de rosas e de crianças. Dava com isto bastante que sofrer a meus pais, porque gastava o tempo com estas coisas. Quando me mandavam para as fazendas esbandalhava-lhes as paredes para fazer casas, punha as rosas dentro delas e dizia que eram freiras.

² Dados autobiográficos originais com NOTAS de um estudo feito pelo Reverendo Cónego Luís Gonzaga Leite Barreiros.

³ O arranjo autobiográfico acrescenta: *“mas fui mandada pelo meu Diretor”*.

⁴ O arranjo autobiográfico, a propósito do Baptismo *“logo pela manhã”*, acrescenta: *“por meus pais recearem que eu não pudesse resistir.”*

O Assento do Batismo dá-a como nascida em Casalmendinho, a cinco do mês de Março de mil oitocentos e quarenta oito e batizada solenemente a treze desse mês e ano, pelo abade José de Oliveira Bernardo; e como filha legítima de Manuel Lopes e de Josefa de Almeida, de Ribafeita; e como neta paterna de José Lopes, de Ribafeita, e de Ana Francisca, da Freguesia de Pindelo dos Milagres; e como neta materna de João de Almeida e de Maria Martinha, de Ribafeita. Foram padrinhos Manuel de Almeida Santos, de Ribafeita, e Rita Maria, de Moçâmedes.

4. Mais tarde, teria eu sete anos, houve uma senhora que vivia com seu marido, e pediram a meus pais que me deixassem ir para a companhia deles, prometendo-me muitas coisas,⁵ ao que eles anuíram e me levaram agarrada para a casa dos ditos senhores. Logo que me vi sem meus pais, chorava de dia e de noite, dizendo que, se ali ficasse, ia para o Inferno. Eles, vendo-me assim, faziam-me muitas carícias a fim de verem se me tiravam aquelas ideias de me vir embora. Um dia, porém, que me deixaram só, fugi-lhes e vim-me embora. Mas, como era distante, algumas léguas, da minha terra e eu não sabia o caminho, uma mulher encontrou-me perdida. Principiei a pedir a essa mulher que me levasse à minha mãe, porque me tinha levado para casa de uns senhores que me não levavam à Missa, por isso, que não queria lá estar porque ia para o Inferno. Ela então levou-me para sua casa, indagou qual a casa em que eu tinha estado e entregou-me aos ditos senhores. Minha mãe dizia que tivera, nessa ocasião, uma inspiração de Deus Nosso Senhor para me lá não deixar, foi logo buscar-me e eu, assim que a vi, fiquei muito contente e vim logo com ela.

A PRÁTICA DESACAUTELADA DA MORTIFICAÇÃO

5. Principiei a ouvir ler a um meu irmão mais velho, na Missão Abreviada, as vidas dos Santos e principiei a querer usar das mortificações⁶ que eles faziam. Principiei a dizer a meu pai que me trouxesse com ele, quando viesse a Vi- seu, porque queria ver as freiras do convento. Meu Pai, como via que eu era muito afeiçoada a freiras, não me queria deixar vir com ele, com receio de que eu lá quisesse ficar. Mas, como minha mãe era muito minha amiga, disse a meu pai que me fizesse a vontade, pelo que ele me deixou vir e consegui o que desejava. Falei então com uma religiosa, para me arranjar cilícios, disciplinas e outras mortificações. Principiei a usar, logo, de tudo isto, sem regra nenhuma, porque desejava imitar os Santos, o que me não era possível. E, não sei se por isso, vim a sofrer algumas doenças, porque não tinha, nem ainda sabia que coisa era ter, um Diretor, e pensava eu que aquelas coisas se não deviam dizer a ninguém, pelo que mais tarde vim a saber que tinha feito muitas tolices. Sobre isto muito mais tinha que dizer.

CUSTOSOS ESFORÇOS PARA SE CONFESSAR

6. Principiei a frequentar os Sacramentos, mas, como nesse tempo não havia na minha freguesia quem confessasse nem desse a Sagrada Comunhão, vinha ao Seminário de Viseu, distante duas léguas, onde chegava a vir cinco vezes e tornar a ir, sem me confessar. Umas vezes porque o porteiro não o queria ir dizer ao Senhor Vice-Reitor, outras, porque não estava, e outras porque não podia. Enfim, tudo isto atribuía aos

⁵ O arranjo autobiográfico substitui o texto original: *“prometendo-me muitas coisas”*, por: *“prometendo fazerem-me herdeira de todos os seus bens.”*

⁶ Sobre o texto da autobiografia, onde as palavras *“usar das mortificações”* aparecem em destaque (como em outras páginas, e que julgo serem indicações post as pelas pessoas que modificaram o texto autobiográfico), encontra-se a expressão *“fazer o”*.

meus pecados que eram muitos. Para outro dia não podia ficar, porque o mais das vezes ia sem a minha família saber, pelo que nisto passei grandes contradições.

ZELO PELA CONVERSÃO DE RAPARIGAS EM MÁ VIDA. DEFESA DA PRÓPRIA PUREZA

7. Principiei a ir por algumas freguesias, fazendo oração nas capelas e rezando o terço a Nossa Senhora⁷, indagando ao mesmo tempo onde havia pessoas escandalosas, homens e mulheres, e fazendo da minha parte os esforços que estavam ao meu alcance para ver se Deus Nosso Senhor os convertia.

8. Em certa ocasião, fui a uma freguesia onde havia três Irmãs e todas viviam em vida escandalosa. Uma, principalmente, ser via de escândalo a muitas freguesias vizinhas. Fui ter com elas, a fim de ver se as resolvia a deixarem aquela má vida. Duas disseram-me logo que não; porém, a mais nova, que era uma linda rapariga, disse-me que sim: se o tal sujeito quisesse recebê-la, muito bem; se não, que o deixava. Fui ter com ele para ver se a queria receber, ao que ele me respondeu que não. Eu então disse-lhe: «ela vai para minha casa e não volta para essa má vida.» Ao que ele respondeu que, se eu a levava, que ia logo lá buscá-la. Eu respondi-lhe que, se me lá aparecia, lhe mandava dar uma grande sova. Em vista disto, a rapariga principiou a ter um grande arrependimento; e disse-me que toda a roupa tinha-lha ele dado, por isso, que ao outro dia (que era dia santo) a queria queimar, no fim da Missa, diante de toda a gente, porque tinha dado muito escândalo e queria mostrar àquela gente que já estava arrependida dos seus pecados. Eu não queria que ela fizesse isto; mas, como ela insistisse muito, fomos falar com o pároco, ao que ele respondeu que fizesse ela como Deus Nosso Senhor lhe inspirasse. Ao outro dia, quando fomos para a Missa, levei-lhe a roupa e ela levou um molho de palha. E, quando o povo vinha a sair da Igreja, disse em alta voz que esperassem, que todos sabiam que ela tinha vivido escandalosamente, por isso, que estava arrependida, e toda aquela roupa ia queimar, porque lha tinha dado aquele com quem tinha vivido mal. E, no mesmo instante, atirou a roupa à fogueira. Ainda tinha um casaco vestido que ele lhe tinha dado, e diante de todos o tirou e o deitou ao lume. Achava-se ali uma irmã dela que foi para o tirar, mas ela não a deixou; e disse-lhe que se convertesse também, como ela fizera, e a tal irmã nesse mesmo dia converteu-se. Toda a gente chorou como em um sermão, com a aclamação que ela ali fez.

9. Eu tinha tenção de vir nesse dia com ela para casa dos meus pais, mas sentia uma voz que interiormente me dizia: não vás. Não fui nesse dia, e, de tarde, o tal sujeito foi a casa das senhoras onde eu estava e disse-me que lhe mandasse chamar a dita rapariga (levava uma arma na mão), ao que eu lhe disse que, se a queria receber, a ia chamar para se combinarem as coisas, mas, se não queria, que a não deixava lá ir. Ele então respondeu-me que não era para a receber. Eu respondi-lhe que, se ele queria ir para o Inferno, que fosse só; que a não quisesse levar também a ela. E muitas outras coisas lhe disse. Depois de conversarmos algum tempo, disse-me que a fosse chamar, que já a queria receber. Combinaram-se então as coisas, mas ela veio na minha companhia para a casa de meus pais, onde estive até ao dia do recebimento. Andei a

⁷ O arranjo autobiográfico acrescenta: “*ensinando o catecismo*”.

tirar uma esmola para lhe comprar alguma roupa, e para lhe tirar dispensa, pois ainda eram parentes. Depois de estarem já recebidos me disse ele que, no dia em que ela queimara a roupa, e que eu fazia conta de vir com ela, me tinha ido esperar a uma serra onde eu tinha de passar, com uma arma, com tenção de me matar. Por isso, o que me valera fora eu não ir nesse dia. Fizeram ambos uma confissão geral; graças a Deus Nosso Senhor, que assim os converteu.

10. Havia uma mulher que também vivia em vida escandalosa; depois, também Deus Nosso Senhor a converteu. Saiu dessa casa onde estava, pelo que o tal sujeito, um dia, me foi es per ar a um caminho onde eu vinha só (e também trazia uma arma). Fiquei muito assustada quando o vi; mas, ao mesmo tempo, confiei em Deus Nosso Senhor e pedi-lhe que permitisse que ele me não pudesse fazer mal. E Deus Nosso Senhor assim o permitiu, porque eu caminhava e ele punha-se diante de mim, mas nunca me pôde chegar. Tivemos uma argumentação muito grande. Graças a Deus Nosso Senhor que me livrou deste perigo, sofri muito com este sujeito, porque quando eu andava para principiar estas obras, foi-me acusar ao Senhor Bispo, e fez-me uma guerra tão grande que não posso aqui descrevê-la como ela foi, nem mesmo posso nomear a classe a que esta pessoa pertencia.

11. Havia em outra freguesia, duas Irmãs que também viviam em vida escandalosa, mas Deus Nosso Senhor concedeu a graça de se converterem, fazendo ambas uma confissão geral. Ficaram vivendo santamente, e fizeram com que muitas outras se convertessem. Enfim, deram-se muitos casos semelhantes a estes.

12. Aconteceu-me, em uma ocasião, o seguinte caso: andava com uma rapariga muito minha amiga, mas distantes uma da outra; ela principiou a gritar que lhe acudisse. Corri logo, mas sem saber o que ela tinha. E, quando me aproximei, vi que um homem a tinha agarrada, e atrás de mim vinha outro (que trazia uma arma) para me agarrar também. Arranquei uma estaca duma vinha e dei com ela, ao que a estava a agarrar, uma tão grande pancada que ele não se pôde levantar, só disse para o que vinha atrás de mim que me desse um tiro, porque eu o tinha matado. Principiei a fugir, mas, como o outro já vinha perto de mim, abaixei-me a um monte de pedras que ali estava, apanhei umas poucas para o vestido, e principiei a atirar-lhe com elas, pelo que ele desistiu. Mas sofri muito com eles, porque me esperavam, muitas vezes, de modo que não podia ir a par te nenhuma sem ir acompanhada.

13. Em outra ocasião, andava eu a apanhar maçãs e já ia a anoitecer. De repente, um homem me agarrou, sem eu dar conta⁸. Andámos ali muito tempo, sem me poder defender dele. Chamei por Nossa Senhora que me desse forças para vencer aquele demónio, e, no mesmo instante, Nossa Senhora me deu tantas forças que o deixei quase morto e nunca mais tornou a ter saúde. Ainda tive grandes escrúpulos por o deixar naquele estado; mas, eu antes queria morrer que perder a angélica virtude. Ainda me aconteceram muitos outros casos semelhantes a estes, mas a Santíssima Virgem sempre me livrou destes perigos.

⁸ O arranjo autobiográfico exprime-se assim: *“De repente senti que braços fortes me seguravam pelas costas”*.

14. O demónio andava desesperado a ver se me perdia, e tem andado sempre.

RECUSA DE PRETENSÕES MATRIMONIAIS. DESEJO DE CONSAGRAÇÃO VIRGINAL

15. Principiaram a aparecer-me casamentos. Foi um sujeito pedir-me a meu pai, o qual lhe respondeu que seria escusado, mas, se me queria falar, que dava licença. Porém, eu logo que o soube fui-me esconder. Procuravam-me, mas inutilmente, por- que tinha ido para distante dali meia légua, pelo que meu pai ficou muito pouco contente, por eu ter feito uma ação destas. No domingo seguinte, voltou lá, outra vez, e falou-me então. Porém, eu respondi-lhe que o meu esposo era outro. Algum tempo depois, disse ele a meu pai, que eu lhe tinha dito que o meu esposo era outro, pelo que eu não quisera aceitar, porque tinha o casamento tratado com outro. Meu pai fiou-se nisto, e vinha com ideias de me castigar logo que chegasse a casa, por eu ter deixado um homem tão rico. Porém, minha mãe disse-lhe que não fizesse isso. Contudo, andou bastante tempo pouco contente comigo, de modo que eu um dia perguntei à minha mãe qual era o motivo de ele assim andar. E ela, então, disse-me que era por eu ter o casamento tratado com outro esposo: valha-me Deus! Ainda me custou bem a tirar-lhe isto da cabeça, mas a culpa foi minha, porque eu não lhe disse que o meu esposo era Jesus, mas só lhe disse simplesmente que o meu esposo era outro; pelo que fui culpada de tudo isto.

AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE VIDA E FUNDAÇÃO RELIGIOSA

16. Principiei a ter uma ideia de ir para um deserto, e um dia estava já pronta para partir. Tive, porém, a lembrança de me ir confessar primeiro e dizê-lo ao confessor, porque nunca lho tinha dito. Mas, logo que lho disse, tudo se desarranjou, porque ele disse-me que era uma tentação do demónio. Principiei, então, a lembrar-me de fazer um convento para toda a classe de mulheres e crianças, e não me podia ver livre deste pensamento. Andei oito anos, pouco mais ou menos, com estas ideias, consultando o meu confessor, o qual me dizia que desprezasse isto, que era do demónio, pelo que eu vivia muito atribulada, por não poder vencer isto. E um dia disse-lhe que, visto isto ser do demónio, me desse licença para ir para uma casa religiosa para ver se estas ideias me desapareciam, ao que ele me respondeu que, se os meus pais me davam licença, que fosse. Fui logo pedir a meus pais, mas eles responderam-me que não: que fossem todas as minhas manas, mas a mim que não me deixavam ir. Com esta resposta, fiquei pela hora da morte. Prometi logo uma novena ao Santíssimo Coração de Jesus, de quem era muito devota, e de ir de joelhos de minha casa até à Igreja, que ainda era bastante longe, se eles me deixassem ir. E sucedeu que, dois dias antes de terminar a novena, o Santíssimo Coração de Jesus concedeu-me a graça de me deixar ir.

17. Fui para o Porto, para as Irmãs de Caridade.⁹ Porém, as saudades da minha mãe foram tão grandes que, depois de eu sair, estive sacramentada¹⁰ e quiseram-me ir buscar, mas Deus Nosso Senhor não o permitiu. Depois de lá estar, cada vez tinha mais desejos de fazer um Colégio.

18. Contrafazia-me nisto, mas sentia uma voz no fundo do coração que me dizia: O teu lugar não é este, por isso, tens de sair para seguires a vocação para que te chamo. Eu lembrava-me que era o demónio par a me trazer desassossego. As mesmas religiosas tinham muita pena de mim, por me verem assim.

19. Adoecei, de modo que não podia tomar respiração. Dei, então, parte à Madre Superiora que me queria ir embora; e, logo que me resolvi a sair, fiquei boa, como se não tivesse tido nada.

20. Vim de lá para Esmoriz, porque não queria voltar para casa de meus pais e dirigi-me ao pároco, para me confessar e comungar. Ele, então, chamou-me à sua casa, onde estava uma senhora que me disse que ficasse na companhia dela que não tinha ninguém da sua família e, por sua morte, me deixava tudo. Ao que eu lhe respondi que não andava a procurar riquezas.

21. Passado algum tempo fui para o colégio de Sanguedo, como menina interna, dando 4.500rs por mês. Passado um ano, pouco mais ou menos, saí porque não me era possível estar lá, por coisas que não posso dizer.

22. Fui para casa duma mulher pobrezinha, da freguesia de Lourosa, e aí estive alguns meses, passando grandes necessidades, porque já não tinha dinheiro. Houve, então, uma pessoa de Lamas da Feira que teve muito dó de mim, por saber por outra pessoa as necessidades que eu passava, e me quis levar para sua casa.

23. Como nesta ocasião a minha família soubesse que eu tinha saído das Irmãs de Caridade, foi lá um meu mano para me trazer. Porém, eu não vim com receio de meus pais não me tornarem a deixar sair. Minha mãe, mais tarde, mandou-me dizer que viesse a casa, porque estava para morrer e queria despedir-se de mim. Vim, mas pouco tempo lá estive. As pessoas da família diziam que me deixasse estar, mas tive de sair.

ACONSELHAMENTOS E PRIMEIRAS TENTATIVAS PARA INICIAR A OBRA

24. Fui para Farejinhãs, para a casa do Exmo. Sr. Dr. Nicolau de Mendonça, que ali estava com a sua esposa, Exma. Sra. D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, e sua filha, Exma. Sra. D. Maria da Piedade, com tenção de me confessar com um Senhor Padre que lá estava em casa. Ali fui ficando, até que lá estive alguns meses.

⁹ 7 O arranjo autobiográfico diz assim: “Em 1877 dei ingresso no Instituto das Irmãs de Caridade, no Porto. Teria 29 anos”.

¹⁰ 8 O arranjo autobiográfico diz, ao contrário do texto original da Autobiografia, que supõe a doença da mãe e não da filha: “As saudades de minha mãe foram tão intensas, que puseram minha vida em perigo, vindo a ser sacramentada”.

25. Mais tarde, fui com estes Senhores para banhos de mar, e de lá fui ao Porto consultar um Senhor Padre da Companhia,¹¹ que eu, já havia um ano, tinha consultado e me tinha posto muitas dificuldades e dito muitas coisas sobre isto, pelo que me tinha feito acreditar que isto era do demónio, de modo que, desde então, a minha vida era só de lágrimas.

26. Quando fui com os ditos senhores, voltei lá outra vez e ele, então, disse-me que era obra de Deus, por isso que tratasse já desta fundação.

27. Principiei, logo nesse dia, a trabalhar nisto.¹² Disse a estes senhores¹³ quais eram os meus fins (o que eu já lhes tinha manifestado, quando estive com eles em Farejinhãs), por isso, que ia já tratar deste negócio, ao que eles me responderam que me haviam de ajudar em tudo quanto eles pudessem.

28. Dirigi-me em seguida ao Senhor Bispo de Viseu, que, então, era __, ¹⁴ pedindo-lhe licença para fazer este Colégio, mas ele não me quis dar. Respondeu-me que não precisava de Colégios no seu Bispado.

29. Algum tempo depois, o Revmo. Senhor Padre Inácio, Vice-Reitor do Seminário de Viseu, a quem eu me confessava, foi pedir ao Senhor Bispo, e ele respondeu-lhe que escrevesse para as Cortes, para Lisboa, e que cumprisse as ordens que de lá me mandassem. Em vista disto, o Senhor Vice-Reitor pediu ao Senhor Cónego Gaudêncio, hoje Bispo de Portalegre (que eu não sei com certeza se nessa ocasião estava nas Cortes em Lisboa), para ele lá falar nisto, o que creio que ele fez, porque mandou dizer ao Senhor Vice-Reitor que podia fazer o Colégio nas condições da Lei.

¹¹ Na autobiografia, na entre linha, escritas com letra que julgo do Pe. Lapa, encontra-se o seguinte esclarecimento: “(julgo que é o R. Pe. Francisco Pereira)”.

¹² 10 Aqui, o arranjo autobiográfico tem um título: HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO «JESUS MARIA JOSÉ»; e começa assim: «Era o ano de 1880.» A Madre Rita tinha, portanto, então, 32 anos.

¹³ 11 O arranjo autobiográfico diz que «estes Senhores» eram o Dr. Nicolau Falcão e sua esposa.

¹⁴ 12 No texto da autobiografia, ficou em branco o lugar para o nome do Bispo de Viseu. No arranjo da autobiografia foi lá colocado o nome seguinte: «D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martins», nome inventado, pois que não aparece na lista dos Bispos de Viseu. Os Bispos de Viseu durante o tempo da vida de Rita Amada de Jesus foram: «D. José Joaquim de Azevedo e Moura (1845-1856), D. José Manuel de Lemos (1856-1858), D. José Xavier Cerveira e Sousa (1859-1862), D. António Alves Martins (1862-1883), D. José Dias Correia de Carvalho (1883-1911), D. António Alves Fareira (1911-1927)» (conf. Pe. Miguel de Oliveira, História Eclesiástica de Portugal, pág. 399). Sendo assim, o Bispo da recusa foi o D. António Alves Martins.

DIFICULDADES E CONTRARIEDADES COM A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO DE GUMIEI

30. Principiei a pedir para este fim, andando sozinha algum tempo, por ainda não ter ninguém na minha companhia. Principiaram a aparecer-me muitas contradições, pelo que me lembrava que não seria obra de Deus. Fui pedir a uma terra e dormi numa casa, onde havia um menino, que teria cinco anos, cego e mudo de nascimento; e pedi a Deus Nosso Senhor que, se esta obra era dele, permitisse que aquele menino tivesse vista e fala, pelo que eu conheceria melhor a sua Santíssima Vontade. Depois de me vir embora, uma irmã (que hoje está nesta casa)¹⁵13 presenciou, e ela mesmo veio dizer, que o menino já andava, via e falava. Ela, nessa ocasião, ainda não estava na minha companhia, mas tinha-me acompanhado nessa freguesia, que ficava perto da terra dela.

31. Depois disto, Deus Nosso Senhor deu-me tanto fervor nesta obra que já se me não punha diante contradição nenhuma.

32. Uma senhora de Gumiei, pertencente à minha freguesia, chamada D. Mariana, ofereceu-me a sua casa com um quintal para eu dar princípio a esta obra, o que eu aceitei, por a terra ser maior e a casa se prestar para este fim; e ela foi para casa dum cunhado.

33. Houve, então, uma pessoa que me pediu para eu aceitar uma mulher para a minha companhia, por eu andar só nos peditórios; mas tive de passar por grandes contradições com ela e com outra pessoa, que muito me custaria nomear a sua classe. Mais tarde, tive de me separar dessas pessoas, porque não me eram convenientes para a minha salvação.

34. Reuniu-se, então, a mim, outra rapariga. Passámos ali, no princípio, grandes necessidades, porque se passavam às vezes oito dias sem termos um bocadinho de pão. Outras vezes, cozíamos alguma hortalica com sal, e assim a comíamos. Como minha Mãe e família chegassem a saber que nós passávamos fome, daí por diante, mandavam-me lá muitas vezes de comer. Outras vezes, a irmã que estava comigo ia-lhe pedir algumas coisas. Sobre isto muito mais tinha que dizer.

35. Saí para o peditório com a tal irmã, que já estava comigo, e, mais tarde, foram-se reunindo algumas mais. Mande, então, abrir um Colégio onde andavam umas cinquenta meninas, entre internas e externas, e, logo que isto se soube, recebi dentro em pouco tempo um ofício do Senhor Administrador de Viseu para me apresentar na Administração, onde fui e me tiveram algumas horas.

¹⁵ O arranjo autobiográfico diz que a moça que acompanhara a Madre Rita é a Madre Cândida.

36. O Senhor Administrador e outros senhores¹⁶ que ali estavam fizeram todos os esforços para me tirarem estas ideias, dizendo que não precisavam disto no seu Concelho, e, além disso, que era uma menina nova e que me dava isto muitos cuidados, que bem sabiam que isto não era meu, mas que eram os Missionários que me metiam estas ideias na cabeça. Diziam, então, uns para os outros, que os Missionários traziam umas medalhas e com elas me enganavam. Diziam-me, mais, que fossem eles para a África, porque em Viseu não eram precisos, ao que eu respondi: que não tinham sido os Missionários, nem nenhum sacerdote que mas dera, mas que tinha sido Deus que mas dera; por isso, antes que viessem quantos homens há no mundo, e quantos demónios há no Inferno, não me tiravam estas ideias, porque Deus foi que mas deu, e só Ele mas pode tirar. Disse-lhe mais que, se os Missionários eram precisos na África, não seriam menos precisos em Viseu, ao que eles responderam que me iam mandar meter na cadeia, ao que eu lhes disse que ia com todo o gosto e satisfação, por que não era por ter feito crime nenhum, com o que eles se desesperaram e mandaram-me embora. Mas disseram-me que, dentro de oito dias, havia de ter a aula fechada, aliás, que me mandavam prender. Eu, porém, não fiz o que eles mandaram.

37. Passado meio ano, pouco mais ou menos, mandaram um ofício ao regedor da minha freguesia para ele me mandar à presença deles, debaixo de prisão. Eu andava, nessa ocasião, na cidade de Lamego, no peditório.

38. Principiei a ter uma grande repugnância, muita vontade de me vir embora.¹⁷

39. Vim, e, quando estava meia légua distante do Colégio, já aí tinha uma resposta para comparecer perante o regedor. Compareci logo, e ele, então, disse-me que tinha de comparecer na administração, ao que lhe disse que cumprisse como lhe tinham mandado. Ele, porém, não quis que eu fosse presa. Fui logo ter com o Exmo. Sr. Dr. Nicolau¹⁸ e Exma. Sra. D. Piedade Lemos, e este senhor, que era todo elevado pelas casas religiosas, apresentou-se na administração e disse que queria saber qual o crime que eu tinha feito para me mandarem prender, e qual o motivo de me fazerem uma tão grande guerra, acrescentando que dali por diante estava ele para me defender. Não se tornaram a meter comigo.

40. Ali permaneceu o Colégio perto de dois anos.

¹⁶ O arranjo autobiográfico trocou a palavra “senhores” por “funcionários”.

¹⁷ O arranjo autobiográfico acrescenta: “(ignorando eu a causa)”.

¹⁸ O arranjo autobiográfico esclarece: “Dr. Nicolau de Mendonça, então residente na Quinta de São Salvador, próximo de Viseu, por ele ser de grande prestígio social, e, além disso, um interessado pelas instituições e ordens religiosas...”.

O COLÉGIO DE FAREJINHAS, DIFICULDADES E OPOSIÇÕES

41. Mais tarde, a Exma. Sra. D. Maria da Piedade Lemos e o Exmo. Sr. Dr. Nicolau disseram-me que, se eu quisesse, podia ir para uma casa e quinta que eles tinham em Farejinhas, no concelho e freguesia de Castro Daire, Bispado de Lamego, e que me davam lá toda a terra que precisasse, lenha, etc., e que me fariam tudo que estivesse ao seu alcance. Enfim, como eram como meus pais, e eu que tinha já algumas crianças pobres, aceitei.

42. Quando fomos para lá, não tínhamos nada que comer. Punham -se as panelas ao lume e a cozinheira vinha-me dizer que não tinha nada que dar, por isso, que devia fazer? Ao que eu lhe respondia que não tinha nada para lhe dar.¹⁹ Muitas vezes, nem pão tínhamos. Eu ficava muito triste, não por mim, mas por não ter para lhes dar a elas, mas, na ocasião de se fazer o jantar, lá vinha uma mulher com um cesto de comida,²⁰ e dizia que sentia uma coisa no coração que lhe dizia: leva isto às Irmãs que não têm lá o que comer. Sucedia isto muitas vezes.

43. Uma ocasião em que nós tínhamos muita necessidade, apareceu lá um homem com um burrinho carregado de mantimentos e algum dinheiro. Pousou tudo aquilo e desapareceu. E nunca soubemos donde ele era nem donde vinha. Nesse dia, não tinha nada que dar às Irmãs, apesar de ainda serem poucas, pelo que me tinha visto na necessidade de ir apanhar uns saramagos para lhes fazer o jantar. Nem tempero lá tinha.

44. Outra vez, tínhamos hortaliça, mas não tínhamos azeite para a temperar, e a cozinheira veio dizer-me que não havia azeite, ao que eu lhe disse que o fosse pedir a São José. E ela respondeu-me que São José não tinha lá azeite para nos dar. Eu disse-lhe que fizesse o que eu lhe mandava. Ela, então, foi à vasilha onde tinham estado alguns quartilhos dele e que já se tinham gasto, e achou lá uns três cântaros dele. Graças a Deus Nosso Senhor que assim nos quis acudir a esta necessidade. Isto mesmo aconteceu por algumas vezes com feijão, milho, etc.

45. Principiaram-me a fazer a mesma guerra que me tinham feito em Gumiei. Foi lá, um dia, o administrador de Castro Daire, e disse-me que tratasse de acabar com aquilo, senão um dia que vinham lá e me fechavam a aula.

¹⁹ O arranjo autobiográfico traz isto assim: *“Respondia-lhe: Confiemos em Deus”*.

²⁰ O arranjo autobiográfico expressa-se assim: *“... Lá aparecia, ora uma mulher carregando um cesto, ora outra com pão apenas saído do forno; outras vezes, um jumentinho carregado de mantimentos, etc”*.

46. Mais tarde, oficiaram-me para lá me apresentar. Fizeram-me lá muitas perguntas, e disseram-me que pusesse toda aquela gente fora, ao que eu respondi se a Lei mandava deitar alguém de sua casa para fora, que a casa não era minha, mas que estava lá com autorização de seu dono, por isso, que não me podiam obrigar a fazer uma coisa que não era de Lei. Ficaram, com isto, muito escandalizados, e escreveram para Coimbra ao Governador Civil, dizendo que eu me tinha autorizado contra eles e lhes tinha dado respostas muito desabridas. Recebi logo um ofício de Coimbra, dizendo-me que tinha respondido às autoridades, o que eu não podia fazer. Respondi-lhes dizendo o que tinha dito e as perguntas que eles me tinham feito. Sossegou isto algum tempo.

47. Mais tarde, mandaram-me²¹ um ofício por um homem, para de novo me apresentar na administração. E o dito homem a todas as pessoas que encontrava dizia uma calúnia, para me infamar. Recebi o ofício às 9 horas da manhã, e fui logo para Viseu com uma Irmã (que era dali umas cinco léguas) e por umas grandes serras, para falar com o Exmo. Sr. Dr. Nicolau de Mendonça. Cheguei lá e não o encontrei. Disseram-me as criadas que tinha ido para São Pedro do Sul, para casa da Senhora Baronesa.²²

48. Mande alugar duas cavalgadas, e foi um criado do dito senhor acompanhar-nos de noite, porque era ainda distante dali quatro léguas.

49. Cheguei ao meio do caminho e a cavalgada atirou comigo por uma rampa abaixo, de modo que fiquei quase morta, a ponto de não poder ir nem a pé, nem a cavalo. Recorri ao Céu, e disse a Deus Nosso Senhor que, se Ele se queria servir deste vil instrumento, duma mulherzinha tão ignorante em todo o sentido, que me desse forças para comparecer naquele tribunal, a que estava intimada naquele dia, às 10 horas da manhã.

50. Passadas algumas horas, principiei vir a mim, montei a cavalo, mas ia tão mal da cabeça que era necessário a Irmã que ia comigo ir-me a segurar e falar-me senão caía logo.

51. Fui deste modo cinco léguas, de São Pedro a Castro Daire; e, assim que cheguei à entrada da vila achei-me logo boa, como se nada ti vesse tido. Apresentei-me na administração, onde tinha até um médico. Eu nessa ocasião não soube para o que ele ali estava. Mais tarde, o vim a saber. Fizeram-me muitas perguntas, e disseram-me, que até ali me tinham dado tempo para pensar, mas agora que me não davam nenhum.

52. Senti-me, então, com uma força tão grande que parece que não era eu que falava, mas sim o Espírito Santo que falava em mim.

²¹ O arranjo autobiográfico diz: *“O administrador de Castro Daire enviou-me um ofício...”*.

²² O arranjo autobiográfico acrescenta: *“Baronesa de São João de Areias”*.

53. Quando me disseram umas palavras (que eu tenho vergonha de dizer), estive para lhe dar duas bofetadas na cara. Levantei-me e vim- me embora.

54. Soube mais tarde que eles tinham dito que era tempo perdi do que eles gastavam comigo, porque era mulherzinha levada de...

55. Houve umas práticas no Colégio; e o homem que me tinha trazido o ofício e dito a tal calúnia,²³ converteu-se, pediu-me perdão, e disse que o tinham convidado, para a dizer.²⁴ Enfim, como viram que não faziam nada, não se tornaram a meter comigo.

56. Ali permanecemos sete para oito anos; primeiro, foram contradições de fora; depois, foram de casa.

A PROVA DAS DISSENÇÕES INTERNAS. DESTITUÍDADE SUPERIORA. A HUMILDADE EXPERIMENTADA

57. Ai Jesus da minha alma! Agora vou dizer umas coisas que bem me custam, e só com os olhos no Céu as posso escrever, nem mesmo aqui posso dizer tudo.

58. Principiei a aceitar algumas mulherzinhas e uma destas principiou a dizer que ela é que servia para Superiora e eu devia andar no peditório. Parecia-lhe mal tudo quanto eu fazia. Foi falando com outras para as ter ao lado dela, de modo que já tinha algumas que eram por ela;²⁵ reuniam-se todas e iam para o quarto duma pessoa²⁶ e ali passavam muito tempo. Como eu precisava delas para fazer alguns serviços, quando elas vinham, ia-lhes dando a minha repreensão, porque eu não gostava dumas tantas coisas que se davam.

59. Principiaram elas a dizer muitas coisas a essa pessoa que não eram verdade, que mais tarde se souberam. Principiou essa pessoa a desgostar-se muito comigo, e escreveu em um papel que em a Superiora completando três anos já não podia ser Superiora. Mas eu pedi-lhe para sair ainda antes de o escrever. Houve, então, uma eleição secreta, que foi feita outra vez para mim. Eu senti uma voz que interiormente me dizia que a eleição tinha sido para mim, pelo que fiquei muito aflita e fui logo pedir a São José, de quem era muito devota, e aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria que não permitissem que eu tornasse a ficar por Superiora, porque queria que a tal irmã que tinha dito que servia para Superiora o fosse para Deus Nosso Senhor a dar a conhecer naquele lugar. Pedi isto deveras e, nessa mesma noite, todas mudaram os bilhetes à excepção dum a, e a minha eleição também foi para ela.

²³ O arranjo autobiográfico acrescenta aqui: "(referente à minha honra)".

²⁴ O arranjo autobiográfico acrescenta: "Declarou-me ele que o tinham convidado com dez libras...".

²⁵ O arranjo autobiográfico diz assim: "Uma das primeiras moças que havia sido recebida para o Instituto ambicionava o superiorato, dizendo-se mais idónea para o cargo e eu para o peditório. Era adversa a tudo o que eu fazia, procurando suplantar-me. Para atingir seu alvo, ia-se insinuando no ânimo das suas Irmãs, conseguindo captar algumas para o seu partido".

²⁶ O arranjo autobiográfico conta assim: "Sendo a residência do Diretor, vizinha ao Colégio, aí se reuniam muitas vezes para o fim que pretendiam, passando nisto muito tempo".

60. Desse dia por diante,²⁷ principiou o meu noviciado. Andava eu nesse tempo muito doente, porque me tinha principiado uma lesão no coração, e um médico me tinha dito, em casa da Exma. Sra. D. Maria de Lemos, que pouco tempo podia viver. Receou até que eu morresse no caminho. Isto tinha sido quinze dias antes de sair de Superiora.

61. A primeira coisa que tive, no primeiro dia do noviciado, foi um grande desprezo. Todas me olhavam com maus olhos, mas Deus Nosso Senhor concedeu-me a graça de gostar mais de tudo isto, e amá-las até, do que se me lisonjeassem, porque eu tinha prometido a Deus Nosso Senhor sofrer tudo por seu amor, ainda que fosse necessário cortarem-me aos bocadinhos. E dizia a mim mesma: Rita, tu já morreste; portanto, os mortos já não têm boca para falar, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir. Com todas as injúrias, afrontas e desprezos, louvava a Deus Nosso Senhor, porque os recebia como vindos de suas Santíssimas mãos.

62. A segunda coisa foi que tinha de tomar alguns medicamentos e guardar dieta, mas tive logo de desistir de os tomar. Principiei a achar-me cada vez pior, e estive quatro meses de cama, onde Deus Nosso Senhor permitiu que eu passasse por grandes necessidades. Umas vezes, porque se esqueciam, perto de dois dias, de me levar de comer; e outras necessidades que eu tenho vergonha de dizer.²⁸ Sempre digo uma: Um dia, estava a Superiora a convidar uns pobrezinhos para lá irem buscar esmola, e eu, então, com a minha soberba, disse para mim: também aqui tens uma pobrezinha, e não lhe mandas cá a esmola? Valha-me Deus, conheci, então, que fiz muito mal em pensar nisto, porque em relação ao comer era o que menos me custava, graças a Deus Nosso Senhor. É verdade que em uma Quinta-Feira Santa foram-me achar quase morta, o que deu na vista a todos, e diziam, as mais delas, que tinha sido por isso, não sei se foi, se não, mas a verdade é que nessa ocasião tinha havido um esquecimento e dos maiores. E muitas mais coisas, etc.

63. Depois de se terem passado estas coisas e muito mais, andava eu com o coração muito magoado; e disse um dia para Nosso Senhor: Ah! Senhor! Antes eu queria morrer do que ver acabar uma obra que foi principiada à custa de tantos sacrifícios. Porque observava coisas que, de certo, não eram do agrado de Deus Nosso Senhor, e desejava esconder-me onde ninguém me tornasse a ver.

²⁷ No texto da autobiografia, aqui, na entrelinha superior, com letra que julgo do Pe. Lapa, encontra-se o seguinte esclarecimento: “(talvez em 1887?)”.

²⁸ O arranjo autobiográfico substitui “outras necessidades que eu tenho vergonha de dizer” por “outros cuidados higiênicos indispensáveis aos doentes”.

64. Principiei, então, a fazer muitas súplicas a Deus Nosso Senhor, e adormeci nisto. Quando acordei, achei-me com uma pessoa na cama, de diferente sexo. Fiquei ao princípio muito assustada. Mas senti logo uma voz que interiormente me dizia: sossega, minha filha, que sou o teu esposo; daqui por três dias eu darei a conhecer a toda esta gente a verdade.²⁹ Com o que eu fiquei completamente sossegada, tranquila, e com um tão grande amor aos sofrimentos que, se possível fosse, percorreria todo o mundo da melhor boa vontade, só para sofrer mais alguma coisa por amor de Jesus.

65. Passados os três dias, deu lá uma febre quase em todas, meninas e Irmãs, tudo em um dia e de repente; e eu, que há quatro meses estava doente, fiquei inteiramente boa. Mandaram logo chamar o médico, que mandou sair tudo.³⁰

66. Umas foram para suas casas, outras para casas particulares. Parecia um dia de juízo e uma casa sem governo, porque cada uma fazia o que queria e levava o que queria.

67. Ficou a casa sem ninguém.

68. Eu vim para minha,³¹ para onde trouxe algumas meninas pobres. Passado algum tempo, regressaram todas à exceção de duas, pelo que mandei perguntar se também podia ser admitida. E o Diretor³² mandou-me dizer que sim.

69. Fui, então, com as meninas pobres que tinham vindo comigo, e, quando ia a entrar as portas, estava o Diretor, e chegou logo a Superior a, a qual, assim que me viu, ficou muito aflita e principiou a chorar, capaz de me ir à cara e dizendo muitas coisas. E uma que era muito amiga dela,³³ logo que me viu, principiou a dizer que já lá vinha o inimigo, ao que eu lhe respondi que se não afligissem, porque não merecia a pena, que voltava já pelo mesmo caminho que tinha levado. Ela foi, então, falar com o Diretor, e combinaram³⁴ mandar-me (sem comida nem dinheiro) com as meninas pobres que me acompanhavam, para uma terra arredada dali uns sete a oito quilómetros, para casa duma mulherzinha pobre, que vivia com seu marido e filhos, que não tinha que nos dar que comer, ainda que quisessem.

70. Só apenas me tinham dado um pão. A dita mulherzinha era muito boa, queria dar-nos alguma coisa, mas não o tinha, pelo que tivemos de passar por algumas necessidades.

²⁹ O arranjo autobiográfico conta assim: *“Um dia, preocupada com estes pensamentos, adormeci, e, ao acordar, senti próximo a mim alguém, ficando por esse motivo muito sob ressaltada; porém, logo me tranquilizou uma voz que interiormente me dizia: Sossega, minha filha, que sou o teu esposo; daqui a três dias, farei ciente da verdade a todo o Instituto”*.

³⁰ 28 O arranjo autobiográfico diz assim: *“Trataram de providenciar, chamando um médico, e a seu conselho, depois de terminada a febre, tiveram de sair”*.

³¹ 29 O arranjo autobiográfico diz: *“...para casa de minha família”*.

³² 30 Aqui, no texto da autobiografia, com letra que julgo do Pe. Lapa, encontra-se, na entrelinha superior, o seguinte esclarecimento: *“(Um padre secular)”*.

³³ 31 O arranjo autobiográfico diz: *“... Uma Irmã que lhe era muito afeiçoada”*.

³⁴ O arranjo autobiográfico narra assim: *“A Diretora, de mútuo acordo, despediu-me, juntamente com as órfãs que me acompanhavam, sem nenhuma provisão, para uma localidade...”*.

71. Depois de ela estar algum tempo,³⁵ formei tenção de lá não voltar, de deixar toda aquela gente, e ir fundar um Colégio a outra parte, e ir a Lisboa consultar o Revmo. Sr. Padre Pereira,³⁶ que, então, estava em Campolide.

72. Mas nesse mesmo dia que tencionei fazer isto, veio um criado³⁷ mandado pelo Diretor, para eu ir para Farejinhas. Eu disse-lhe que se fosse embora; mas ele respondeu-me que não saía dali sem que eu fosse. Eu então, segundo me parece, fui muito lesma, porque devia talvez não voltar lá.³⁸

73. Quando lá cheguei, o Diretor pediu-me para me entregar de tudo, porque tudo ia muito mal, a Superiora que era muito desobediente e que tudo estava numa desordem, e que já sabia de tudo porque eu tinha passado. Ao que eu lhe disse que me custava muito aceitar, que só o faria por obediência e depois de ter feito oração a Nosso Senhor.

74. Estive, então, de retiro algum tempo, e senti-me movida a aceitar. Mas depois custaram-me muito mais as coisas do que no princípio, porque tive de fazer uma escolha e a mesma que estive por Superiora teve de sair.

75. O que eu depois sofri com estas mulherzinhas, só Deus o sabe, e algumas Irmãs que ainda permanecem nesta casa, e que presenciaram todas estas coisas que deixo ditas.

76. Desde então, ficou tudo em paz e sossego; principiou Deus Nosso Senhor a ajudar-nos muito.³⁹

³⁵ O arranjo autobiográfico expressa deste modo: *“Depois de algum tempo de minha permanência ali, formei tenção de não mais voltar, e organizar nova fundação...”*.

³⁶ O arranjo autobiográfico diz: *“Padre Francisco Pereira, sob cuja direção eu havia fundado a atual”*.

³⁷ O arranjo autobiográfico afirma: *“... um criado do Colégio”*.

³⁸ A versão do arranjo autobiográfico exprime-se deste modo: *“Vim por fim a anuir a seu pedido, achando, mais (tarde), minha condescendência um ato de cobardia da minha parte, segundo minha opinião”*.

³⁹ O arranjo autobiográfico descreve assim o retomar do governo pela Madre Rita Amada de Jesus: *“Assumindo de novo o cargo, procurei, primeiramente, atalhar o mal feito, tendo particularmente em vista a fiel observância regular, infringida principalmente pela má organização, e para que mais facilmente pudesse atingir o fim, resolvi despedir algumas Irmãs, inclusive a ex-Superiora, vindo depois, por este motivo, a sofrer o que só Deus sabe, havendo atualmente muitas Irmãs conhecedoras dos fatos. Restabelecida a ordem, volta o Instituto ao seu primitivo espírito, concedendo-nos Deus Nosso Senhor uma proteção mui particular”*.

A FUNDAÇÃO DE TOURAIS⁴⁰

77. Mais tarde, vim receber algumas esmolas a estes sítios. Passei neste povo, vi estas casas, e tive um pensamento: que ainda haviam de ser nossas. Perguntei de quem elas eram, disseram-me que eram do fidalgo do Arco de Viseu. Fui para casa do Exmo. Sr. João de Albuquerque de Paranhos,⁴¹ e disse a sua esposa, a Exma. Sra. D. Carolina, que, se algum dia se vendessem por aqui algumas casas que servissem para nós, que tivesse a bondade de no-lo participar. Dentro em pouco tempo, foi tudo quanto era deste Senhor à praça. Mande tirar oitocentos mil réis a juros, a oito por cento, só por um ano, e comprei estas casas. Mas o ano já se ia aproximando e eu não tinha o dinheiro para dar. Eu tinha algumas fazendas da parte da minha mãe, mas não achava quem ficasse com elas, pelo que estava numa grande tribulação, quando, de repente, recebi uma carta duma senhora que me dizia que pedisse ao Santíssimo Coração de Jesus, que, se Ele lhe concedesse uma graça, me dava o dinheiro para pagar as casas.

78. Dois dias antes de terminar uma novena, mandou-me lá ir e deu-me oitocentos e sessenta mil réis.

79. Esta mesma senhora, em outra necessidade semelhante a esta, deu-me também setecentos mil réis.⁴²

80. Vieram, então, para aqui sete Irmãs e, mais tarde, veio para cá toda a Comunidade.⁴³

81. Como eu fui fretar duas diligências a Viseu para virmos, e isso se ficou a saber, vieram dois homens de Viseu para me roubarem, porque julgavam que eu tinha muito dinheiro, no que se enganavam. Eu vinha numa diligência com as meninas, e as Irmãs vinham noutra. Chegadas a Nelas, os cocheiros desapareceram, tendo aparecido já muito tarde. Com eles vinham os dois ditos homens, que me pediram para seguir na diligência onde eu vinha, dizendo-me que tinham de ir a Seia com urgência, ao que eu lhes respondi que não. Porém, tantas diligências fizeram que o cocheiro os mandou subir. Um sentou-se ao meu lado e o outro ao pé do cocheiro. Um levava um revólver, o outro, uma faca. O que ia ao pé do cocheiro, quando chegou ao Mondego, disse-lhe: – Agora, aqui, já se podem arranjar as coisas. Ao que o cocheiro respondeu: – Mais acima. Então, apareceu-nos um homem, que nos acompanhou algum tempo, facto que os deixou desesperados.

⁴⁰ O arranjo autobiográfico introduz aqui o seguinte título: *“Tourais – Fundação do Colégio da Imaculada Conceição”*.

⁴¹ O arranjo autobiográfico acrescenta: *“...parente do dito fidalgo”*.

⁴² O arranjo autobiográfico refere-se a isto com estas palavras: *“A mesma senhora, em outra ocasião ou necessidade idêntica, socorreu-nos com a mesma avultada esmola para a compra de um bom quintal e casa, próximo à primeira”*.

⁴³ O arranjo autobiográfico narra desta maneira: *“Após a compra, foram transferidas para a dita casa umas sete Irmãs, no ano de 1888, e, pouco tempo depois, o restante da Comunidade”*. – O relato das *“notas autobiográficas”*, que vem depois do arranjo autobiográfico, confirma a data da transferência das Irmãs: 1888.

82. O carro onde vinham as Irmãs já tinha desaparecido, porque o cocheiro não quis esperar pelo outro. Principiei a pedir à Santíssima Virgem que me livrasse daquele grande perigo, porque eu vinha a ver quando me tiravam a vida e preparei-me para morrer.

83. – Mais acima – disse-lhes o cocheiro; que eram muitas crianças. E eles responderam que levavam bons instrumentos.

84. Concedeu-me a Santíssima Virgem a graça de nos aparecer sempre gente pelo caminho.

85. Logo que cheguei a Paranhos, fui pedir ao Senhor Arcipreste para me mandar arranjar dois homens para me virem acompanhar^{42,44} porque já ia a fazer-se tarde.

86. Algum tempo depois de aqui estarmos, abri o Colégio; e continuaram aqui a fazer-me a mesma guerra que tive em Farejinhãs, chamando-me as autoridades. Indagaram se trazíamos hábitos, e queriam obrigar-me a fazer uns estatutos, ao que eu não anuí. Enfim, a estas coisas se seguiram outras que todas me deram bastante em que cuidar.⁴⁵

ALGUNS FATOS EXTRAORDINÁRIOS⁴⁶

87. Nesta casa me têm sucedido muitas coisas. A primeira foi que, tendo eu dito muitas vezes a uma Irmã que dissesse sempre a verdade e fosse mais obediente, pelo que eu vivia muito contrariada com ela, mesmo por coisas que aqui não posso dizer, um dia lhe disse que se ela não se emendasse, Deus Nosso Senhor a podia castigar. Pouco tempo depois,⁴⁷ vindo ela um dia da fonte com outra Irmã, assim que entrou as portas para dentro, principiaram a cair sobre ela faíscas de lume (sentindo-se ao mesmo tempo estalos como quem deita foguetes) que a rodeavam de todos os lados; e, quanto mais ela ia caminhando para o centro da casa, maiores eram as faíscas. A Irmã que vinha com ela via-as cair ao redor dela. Chegaram ainda a queimar uns bocadinhos duma tábuia, que eu ainda tenho guardada. Espalhou-se um cheiro a enxofre que empestou toda a casa. Essa irmã, então, corrigiu-se e, hoje, é uma boa Irmã.⁴⁸

⁴⁴ O arranjo autobiográfico acrescenta: “... até Tourais, termo da nossa viagem”.

⁴⁵ O arranjo autobiográfico termina esta narração com a seguinte reflexão: que não vem aqui na autobiografia: “Mas intervinha sempre em todos estes sucessos a assistência divina e o maternal amparo de Maria Santíssima”.

⁴⁶ O arranjo autobiográfico introduz aqui o título seguinte: VÁRIOS FATOS QUE SE DE RAM NO COLÉGIO DE TOURAIS.

⁴⁷ O arranjo autobiográfico acrescenta aqui a data: “6 de fevereiro de 1889”.

⁴⁸ O arranjo autobiográfico termina a narração deste facto com as seguintes afirmações: “A tal Irmã viu nisto um sinal da justiça de Deus a seu respeito, e conseguiu assim corrigir-se, vindo mais tarde a morrer santamente”. (Esta referência à morte da Irmã, que não vem no texto da autobiografia, é mais uma prova do evidente arranjo posterior do texto, feito por mão estranha.)

88. Aconteceu-me outra coisa: quando recebemos as meninas pobres, algumas vinham cheias de bichos; e eu tratei logo de mandar uma Irmã tratar da sua limpeza. Um dia, mandei uma Irmã a quem eu sabia que isso lhe era muito repugnante, e que tinha sempre muitas réplicas, tratar da limpeza de uma menina que tinha chegado, e disse-lhe que não só havia de limpá-la, mas também matar os parasitas. Mas ela apenas matou os mais pequenos. E, no mesmo instante, ficou ela cheia deles e muitíssimo grandes. Vestiu logo outra roupa lavada e, no mesmo instante, lhe sucedeu o mesmo. Foi então buscar a roupa da menina e matou-lhes todos, mas ela ficou da mesma maneira, pelo que me veio dar parte de tudo isto e, no mesmo instante, Deus Nosso Senhor permitiu que desaparecessem todos.⁴⁹

89. Sucedeu um dia à mesma Irmã o seguinte: Andando ela com uma dor de dentes, ia já para um mês sem descansar, nem de noite nem de dia, e tendo-se-lhe já feito alguns medicamentos, com coisa nenhuma se tinha achado melhor. Pelo que um dia veio ter comigo, que lhe desse um remédio para os dentes.⁵⁰ E eu disse-lhe que fosse à capela pedir a Nosso Senhor que lhe desse mais dor de dentes. Mas ela foi-se queixando que, em vez de eu lhe dar um remédio, lhe mandava pedir ainda mais dor de dentes.

90. Ao outro dia, veio-me pedir aguardente para eles. Perguntei-lhe se tinha feito o que lhe tinha mandado; e ela respondeu-me que não, se havia de ir pedir mais dores de dentes a Nosso Senhor! Eu tinha pena dela, mas senti-me inspirada por Deus Nosso Senhor para fazer isto.

91. Disse-lhe que cumprisse o que eu lhe tinha mandado. Ela foi à Capela e disse a Nosso Senhor que a Superiora a mandava ali pedir mais dores de dentes, por isso que lhe desse mais. No mesmo instante, Nosso Senhor permitiu que as dores lhe desaparecessem completamente.

92. Houve uma Irmã que já há alguns meses não fazia nada. Vim de fora (porque tinha saído) e disseram-me que ela dizia que não podia fazer nada. Deixei passar algum tempo; e um dia tive um pensamento de a mandar trabalhar, mas lembrava-me que era uma tentação. Mas, como este pensamento não me deixava, mandei-lhe fazer um serviço, e ela principiou a chorar e disse-me que não podia. Ao que eu lhe respondi que o fizesse pelo amor de Nosso Senhor, que Ele lhe daria forças. O que ela fez, e ficou logo boa, dito por ela, e ainda não tornou a ter sofrimento nenhum. Foi Deus Nosso Senhor que assim lhe quis conceder aquela graça.

⁴⁹ Este facto extraordinário foi omitido no arranjo autobiográfico.

⁵⁰ Aqui o arranjo autobiográfico esclarece que: “... não havia ali, nem perto, nenhum dentista...”.

93. Vou agora dizer uma coisita que me deu bem que entender. Tínhamos nós uma horta ao pé das casas, que se principiou a encher de lagartas, a ponto de que, dela, quase já tudo tinham comido. Um dia, disse a uma Irmã que fosse lá e lhes dissesse que, em nome da santa obediência, saíssem dali. A Irmã cumpriu, e elas, no mesmo instante, principiaram a sair, e a subir por toda a casa, de modo que foram para os quartos, corredores e até para a sala de visitas. Até na minha cama se foram meter. Eram tantas que até criavam casulos. Fui-me apresentar a Deus Nosso Senhor e disse-lhe que não fizera bem em as mandar sair, mas que me perdoasse pelo seu divino amor, porque as mandara em bora porque queria as couves para as minhas filhas espirituais. Tive muita pena em assim proceder com Deus Nosso Senhor, porque me lembrei que Ele me fazia isto em castigo dos meus pecados que eram muitos. Deus Nosso Senhor permitiu que ao outro dia desaparecessem todas; umas morreram, outras não soubemos o fim delas.⁵¹

94. Foi, um dia, uma postulante confessar-se, e estive na capela desde manhã até ao meio-dia. Fui lá e disse-lhe que viesse almoçar, e ela não veio; mais tarde, disse-lhe que viesse jantar, e ela não obedeceu. Saiu da capela e, repentinamente, o demónio principiou a atormentá-la com tanta força que eram necessárias muitas Irmãs para a segurarem. Quando se sentava, tinha grande dificuldade para se levantar, porque tinha um peso tão grande que era preciso muita força para a mover. De noite e de dia, estava sempre a gritar; e dizia que o demónio entrara nela por ter desobedecido.

95. Algum tempo depois, já as Irmãs não podiam chegar ao pé dela, porque se deitava a elas como um leão. Era necessário eu ir lá, quando era preciso, dar-lhe de comer; e dizia que a mim não tinha remédio, senão obedecer, mas que me tinha muito ódio. Prometi uma festa ao Santíssimo Coração de Jesus, se o demônio se retirasse dela. Algum tempo depois, não só se retirou, mas ela mesma saiu de casa.⁵²

96. Algum tempo depois de virmos para esta casa de Tourais, quando as Irmãs iam para o coro fazer meditação, punha-se o demónio a rapar e a fazer um tal estrondo que se não podia fazer nada, de modo que um dia fui lá com água benta e disse-lhe que em nome da santa obediência se fosse embora e não nos tornasse a vir inquietar. Desde esse dia não se tornou a ouvir nada.

97. Numa ocasião (em que havia desagrvos), uma Irmã ia para a capela e encontrou à porta um cãozinho (coisa que em casa não havia). Ela começou a espantá-lo, e ele pôs-se fixo a olhar para ela, e, no mesmo instante, desapareceu naquele mesmo lugar, sem ela ver para onde.

98. Mais tarde, principiou o demónio a chorar a um canto da casa, com uma voz muito dolorosa dizendo: – Ai! – que se ouvia quase todas as noites. Principiaram as Irmãs a assustar-se.

⁵¹ O arranjo autobiográfico alterou a ordem dos fatos, pondo o DAS LAGARTAS DEPOIS DO DA POSTULANTE DESOBEDIENTE E ATORMENTADA.

⁵² O arranjo autobiográfico em vez de, “*mas ela mesma saiu de casa*” diz: “*voltando sã para sua casa*”.

99. Eu disse-lhes que, quando o ouvissem, me fossem chamar, o que elas fizeram. Porém, logo que eu chegava, calava-se. Vinha-me embora, e recomeçava logo a chorar. Voltava lá, e tornava a calar-se.

100. Um dia, uma Irmã (que não era medrosa) disse-lhe: – Coitado, estás a chorar? Chora para aí. E, no mesmo instante, sentiu um tal barulho atrás dela que parecia que uma pessoa vinha para a agarrar com muito estrondo. O que a ela lhe valeu foi fugir para a capela. Mandámos, então, benzer as casas; e, nessa noite, uma irmã viu sair do sítio onde o demónio costumava estar a chorar uma luzerna⁵³. E nunca mais se tornou a ver nem a ouvir nada.

101. Já algumas vezes nesta casa tem acontecido: o moleiro não trazer a farinha, e eu estar muito aflita por causa disso; e a refeiteira já me tem vindo dizer, nessas ocasiões, que leva o pão às meninas num açafate, e, quando o vem apanhar, diz que o torna a trazer cheio como o tinha levado.

OUTROS FATOS EXTRAORDINÁRIOS DE TEMPOS ANTERIORES

102. Quando ainda estava em casa de meus pais, andava eu a tirar uma esmola para mandar para Roma, para Pio IX.⁵⁴ Vindo eu, um domingo, da Igreja, com muita pressa, para ir a outras freguesias com um meu irmão, desmanchei um pé, e foi preciso vir de joelhos até casa, por não haver ali ninguém por quem o mandar dizer à minha família. Quando cheguei a casa, já o meu mano tinha saído e tinha dito que ia andando e que esperava por mim. Principiei logo a pedir ao Santíssimo Coração de Jesus que me desse saúde, se fosse da sua Santíssima vontade, para poder ir pedir aquela esmola. E, no mesmo instante, o pé principiou a dar uns estalos, e fiquei completamente boa.

103. Noutra ocasião, estava eu há nove meses de cama, desenganada dos médicos. Lembrei-me de recorrer à Imaculada Conceição do Monte Sameiro, e prometi-lhe de lá ir daqui,⁵⁵ sem falar e ir a rezar o rosário, estar lá três dias de retiro e mandar-lhe dizer três missas. A Virgem Imaculada concedeu-me a graça de melhorar; mas, quando lá fui ainda ia muito doente e muito inchada.

104. Os mesários deram-me licença de lá ficar também de noite. Logo no primeiro dia comecei a desinchar, de modo que, em uma hora, me alargaram os vestidos três palmos. De então para cá, tenho andado sempre melhor.

⁵³ Em vez da expressão “uma luzerna”, bem clara no texto da autobiografia, o arranjo autobiográfico põe: “um bezerro”. Deve ser erro de interpretação do arranjo.

⁵⁴ Este facto que, cronologicamente, deveria ter sido narrado lá muito atrás, foi aqui colocado, certamente, porque só depois de escritos os textos anteriores, dele se lembrou a autora da autobiografia. – No arranjo autobiográfico, este facto vem narrado depois do referente ao bule que, na autobiografia, está no fim; e disse que a esmola do peditório era “para as Missões”.

⁵⁵ 53 Em vez do “daqui” da autobiografia, o arranjo autobiográfico parece ajudar a compreender melhor, substituindo por: “de casa de meus pais (que era no Bispado de Viseu)”.

105. Tive em uma ocasião⁵⁶ um incomodo para o qual os médicos diziam que já me não davam remédios. Tive muita devoção de beber a água de S. Inácio e, nesse mesmo instante, me vi livre desse incomodo.

BULE MIRACULOSAMENTE SALVO

106. Havia na casa um bule de chá, que tínhamos comprado no princípio desta Obra, e não tínhamos ainda outro. Um dia que tínhamos hóspedes, estive a fazer-lhes o chá e já o tinha dentro do bule. O bule estava sobre uma tábua que, na cozinha, servia de banco, mas quando a gente se sentava nela de um lado, levantava-se ela do outro. E, sem me lembrar que tinha o bule na ponta da tábua, sentei-me, e a tábua levantou o bule uns dois metros de altura. E, quando o vi ir no ar, gritei: – São José guarda-me o bule que não tenho outro. Nem mesmo tinha mais chá nessa ocasião e os hóspedes já estavam à espera dele.

107. Caiu o bule em cima dumas pedras, e não só se não quebrou, mas nem sequer se verteu o chá.⁵⁷

COISAS QUE FICARAM PROPOSITADAMENTE OMISSAS

108. As maiores contradições foram com um Diretor⁵⁸ que tive, mas essas desejo guardá-las até para além da campa.

109. Sempre digo que, com algumas mulherzinhas que tenho aceitado à custa de grandes sacrifícios, tenho sofrido algumas coisas que são pequenas, mas que, pela minha muita soberba, me parecem grandes.

Tourais, 2 de dezembro de 1894

Rita Amada de Jesus

⁵⁶ O arranjo autobiográfico esclarece, quanto ao tempo, dizendo: “já em religião”, em vez do, mais vago, da autobiografia: “em uma ocasião”.

⁵⁷ Este caso do bule, que vem no final do texto da autobiografia, deve ter sido escrito aqui, por dele se ter lembrado a autora, depois de escritos os fatos anteriores. Segundo a interpretação do arranjo autobiográfico deve ter-se passado já em Tourais.

⁵⁸ Na autobiografia, na entrelinha superior, encontra-se o seguinte esclarecimento: “(Padre secular)”, com letra que julgo do Padre Lapa.

A História de Rita Amada de Jesus prossegue ...

Os fatos narrados na Autobiografia de Rita Amada de Jesus se encerram a 2 de dezembro de 1894, mas a história de sua vida continua até à sua morte a 6 de janeiro de 1913. Os fatos biográficos que se sucedem estão registrados no que se convencionou denominar Testamento Espiritual (Bibliográfico) ou Patrimônio Espiritual, com testemunhos recolhidos entre as primeiras Irmãs pela Irmã Ana de São José Matos Martins, eleita Superiora Geral para suceder à Madre Rita Amada de Jesus.

Após a conclusão da Autobiografia nossa Fundadora dedicou-se principalmente: 1. à instalação do Noviciado para a Formação das Irmãs (1892), transferido em 1900 de Tourais para Lourical do Campo (segunda propriedade adquirida pela Fundadora) onde se instalou também a Casa Mãe; 2. à Aprovação do Instituto pela Santa Sé (o que se deu a 10 de maio de 1902, por decisão do Papa Leão XIII); 3. à fundação de novas Casas (Paramos 1905, Castelo Branco 1907 e 1908).

A Proclamação da República em Portugal à 5 de outubro de 1910 promoveu a perseguição e extinção das Congregações Religiosas. Madre Rita Amada de Jesus não foi poupada e viu suas obras fecharem-se e suas Irmãs serem dispersas. A 31 de outubro de 1912 ela logrou enviar um grupo de 6 Irmãs para o Brasil, ao qual se seguirem outros 7 grupos, totalizando 51 Irmãs.

A Providência Divina salvou o Carisma e a Obra de Rita Amada de Jesus, cuja santidade foi confirmada pela Igreja a 28 de maio de 2006, ocasião em que o Papa Bento XVI a proclamou Bem-Aventurada. Esta história de inquebrantável fé, de autêntico compromisso cristão e de permanente busca da Santa Vontade de Deus continua com você ...